

No Caldeirão do Bruxo, (Auto)biografia, Autoria e Interdiscursividade

André Luis Mitidieri¹ (UESC)

Resumo:

O presente trabalho dispõe-se primeiramente a situar o "mito autobiográfico", lançado por Mário de Alencar logo após o falecimento de Machado de Assis. Seguida tanto por críticos quanto por biógrafos, a idéia de que o escritor se projetaria em suas personagens perdura até o silenciamento que lhe impõe a crítica modernista. Rever, entre outros, os trabalhos de Augusto Meyer e Lúcia Miguel-Pereira, elaborados nos anos de 1930, permite demonstrar que a reabilitação da perspectiva biográfica desempenha importante papel na futura difusão da obra machadiana. Até a década de 1960, embora revigorado por visões filosóficas-existencialistas e sob vigilância da nova crítica exercida nas universidades, o ângulo biográfico não deixa de assinalar uma das dimensões de análise à produção de Machado - leitura cognitiva, existencial ou expressiva. A essa, vem somar-se, a partir de finais dos anos 60 do século XX, a leitura mimética, representativa ou sociológica. Por sua vez, a leitura construtiva ou formal, marcada por abordagens interdiscursivas do discurso narrativo e inaugurada com o influxo dos aportes pós-estruturalistas no Brasil, vai conviver com uma nova dimensão para estudos do ficcionista carioca - a transitiva ou relacional, focada na crítica e na recepção da obra junto ao leitor. Os dois últimos tipos de leitura mencionados permitem indicar, nos romances de Machado, uma presença nada gratuita de gêneros (auto)biográficos reconhecidos como tais, seja como procedimento dialógico e/ou interdiscursivo, seja como pilar estruturante dos textos ficcionais.

Palavras-chave: crítica literária, espaço biográfico, história da literatura, leitura, Machado de Assis

1 Introdução

Durante o século XIX e princípios do século XX, não se mostram nada desprezíveis os estudos críticos incapazes de apartar o ser histórico Machado de Assis das instâncias autoral e narrativas de seus romances. No que diz respeito à transformação de sua imagem pública, “Páginas de saudade” - capítulo de *Alguns escritos* (ALENCAR, 1910) - ocupa lugar destacado. Autobiográfico, o primeiro texto a oferecer informações biográficas acerca de Machado veiculou alguns tópicos que se repetiriam em outros textos biográficos,

tais como a contradição aparente entre o escritor e o homem, ‘que entretanto não eram nem distintas nem opostas, senão uma só figura, que se velava ou descobria voluntariamente, pelo respeito de si mesma e o receio de não parecer sincera, aos olhos dos outros’ (AE, p. 30), fruto da incompreensão de características como a delicadeza, a discrição e a reserva exagerada, a falta de paciência com os derramamentos afetivos, o constrangimento com a epilepsia, tanto quanto o cuidado em dar como prontos seus originais (WERNECK, 1996, p. 59).

Mário de Alencar também revelava um segredo que Machado lhe confessara em carta: o fato de dona Carmo, personagem da obra literária *Memorial de Aires*, fundamentar-se na mulher do ficcionista, Carolina Novais. Estavam lançadas as bases do “mito autobiográfico”, a ser construído por biógrafos e por críticos. Além disso, a confluência do homem desinteressante a um autor que começava a interessar, da “alma boa” para a “alma esquisita”, que “ainda em vida poucos entendiam” (ALENCAR, 1910, p. 33) marcaria por igual a crítica machadiana, como veremos.

1 Da Projeção Autobiográfica às Leituras Biográfica e Cognitiva, Existencial ou Expressiva

O trabalho crítico publicado em 1912 por Alcides Maya - *Machado de Assis*: algumas notas sobre o *humour* - declarava que o escritor carioca se havia retratado na personagem Luís Garcia, do romance *Iaiá Garcia* (1878). A partir daí, viria a projetar-se em suas criaturas ficcionais, convertendo-se nas “autofotografias” de Brás Cubas, de Dom Casmurro e do Conselheiro Aires:

Todos os romances de Machado de Assis constituem, com o apêndice dos contos, o seu livro d'alma; dir-se-ia, lendo-os, que os publicou o artista como folhas destacadas de um diário onde lapijasse irônico, em esboços, em alegorias, em efígies, as impressões, os ridículos, as tristezas, os acasos da existência. Nos volumes de vulto e em vários passos de novela ou devaneio pessoal, apenas manchado, os protagonistas são pseudônimos transparentes de si mesmo e o texto espelha opiniões íntimas, expressas numa fábula dissimuladamente objetiva (MAYA, 2007, p. 37).

Os paralelos entre, de um lado, o ser histórico e, de outro, seu autor e seus narradores, faziam-se acompanhar da projeção autobiográfica do criador nas criaturas, tanto em críticas aos trabalhos ficcionais do literato quanto em representações biográficas do intelectual. A primeira biografia nele focada, resultante das conferências ministradas por Alfredo Pujol (1917) em São Paulo, conjugava a evolução literária, bem como a grandeza e singularidade da obra, ao caráter do ser humano, aos contornos de sua personalidade, a um perfil moral exemplar. Ainda que o biógrafo procedesse a uma *mélange* entre os métodos de Saint-Beuve e Plutarco, habilitava o romancista a ocupar um enunciado que, conforme o paradigma vigente para o gênero biográfico - romântico-positivista - então se reservava a celebridades distinguíveis pelo ideal de individualização.

Amizades intelectuais de peso, fontes literárias e autores europeus, notadamente franceses, bem como grandes homens de letras, sustentavam a construção de uma “ética da conformidade”. Um “espelho de exemplos” deveria refletir, em destaque, a imagem “do escritor brasileiro, criando entre os dois modelos refletidos uma hierarquia dúbia, que pode igualar, quando se trata de apontar o mérito e o renome literários, mas que pode afastar, para valorizar o nome do brasileiro, quando se trata de qualidades morais ou de traços da personalidade” (WERNECK, 1996, p. 78).

Ao raiar do século XX, as questões biográficas davam lugar a outros parâmetros (estilísticos, formalistas, morfológicos, psicológicos etc.) para abordagem às produções literárias, o que coincide temporalmente com a derrocada do paradigma romântico-positivista da biografia. Não importa aqui, todavia, considerar rigidamente as mudanças de paradigmas que, afinal, não transcorrem de modo tão fixo em determinado período, mas as “alterações na estrutura das relações de força simbólica que define o campo intelectual num dado momento” (Id. Ibid. p. 25). Nesse sentido, por volta da década de 20, começava-se a desacreditar o “historicismo”, assinalado por uma espécie de afetividade entre historiador e objeto, pela canonização da historiografia burguesa e a idéia de um tempo cronológico linear.

Os historiadores então julgaram o gênero biográfico inadequado, devido à carência de articulações lógicas e de procedimentos analíticos. No entanto, as biografias recuperavam prestígio junto ao público leitor, a partir do desenvolvimento dos meios de comunicação e das modernas invenções, como o cinema. Existem poucas informações disponibilizadas acerca de Machado nessa

época. Após o volume de cartas que trocara com Joaquim Nabuco receber prefácio de Graça Aranha (1942) em 1923, seguiu-se “quase uma década de silêncio, passando pouco menos que despercebidos os tardios comentários que lhe dedicou Luís Murat, em 1926. Um ou outro pequeno ensaio, artigo de revista ou de jornal, e até algum livro inteiro, mal e mal percebido, não conseguiam quebrar o silêncio” (PEREIRA, 1959, p. 257). Nos anos 30, surgiram os livros de Fernando Nery, Mario Cassanta, Teixeira Soares e Viana Moog.

O modernismo literário brasileiro não teve mesmo na crítica seu ponto mais forte. Conforme Wilson Martins (2004, p. 592), dois nomes lembrados a esse propósito realizaram seus trabalhos fora do movimento, e por razões diversas. De uma ou de outra maneira, suas restrições ao intelectual fluminense calcaram-se no parâmetro biográfico. Assim, Tristão de Athayde havia confessado “em 1935 o ‘ressentimento’ provocado pelo escritor; da sua parte, Mário de Andrade observa, em 1939, que ‘a um Machado de Assis só se pode cultuar protestantemente’, já que ‘não se pode amá-lo’” (ZILBERMAN, 2005, p. 8).

Uma novidade à crítica machadiana era trazida por Augusto Meyer (1935)¹ quando, ao aprimorar o raciocínio de Alcides Maya, fundamentava-se em sujeitos ficcionais para chegar ao próprio sujeito, e objeto de seu trabalho ensaístico, ou seja, ao Machado do “subterrâneo”. A reabilitação da perspectiva biográfica em análises literárias renovaria a linguagem dos críticos e jogaria papel fundamental na difusão, conseqüentemente, na recepção da obra machadiana. Assim, Lúcia Miguel-Pereira (1936) afirmava que *A mão e a luva*, *Helena* e *Iaiá Garcia* constituem “confissões autobiográficas”. Para a mesma ensaísta, *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Quincas Borba* (1891) dariam acesso ao sujeito escrevente: “A ausência de distinção entre criador e criatura evidencia-se, ainda, pela simbiose que a autora estabelece entre Machado de Assis e o Conselheiro Aires, o qual representaria a imagem que Machado de Assis forjara de si mesmo para a posteridade” (SARAIVA, 1993, p. 17).

No período durante o qual elaborava o referido trabalho, Miguel-Pereira vinha testando

versões do *romance de formação* em suas narrativas ficcionais. Experimentação que transporta para a biografia e que fornecerá, mais tarde, as bases para as análises que fará das obras de Machado de Assis e Lima Barreto em *Prosa de ficção*. Aos poucos, vai-se delineando, mediante cortes sincrônicos marcados, não exatamente uma história da literatura brasileira, mas a história, ainda que em fragmentos, de um tempo em que a nossa cultura ainda confiava no ‘poderio das letras’. Revistas literárias como *Boletim de Ariel* e *Revista do Brasil* firmavam o consenso sobre a necessidade de casamento entre a biografia e o romance. Em meio a obras acerca da realidade brasileira e da história da cultura, da política e da economia do Brasil, ao lado do surto editorial do romance regionalista, as biografias começam a inventar uma nova tradição de estudar o perfil de personalidades da política e das artes no Brasil (WERNECK, 1996, p. 27).

Mesmo que expressasse noções de inferioridade racial na tentativa de vincular o “traço mórbido” do artista aos “impulsos do nevropata” e a sua identidade mestiça, a biógrafa se afastou da patografia, evitando, por igual, perspectivas eugênicas radicais em vigor naquela época. Ela foi criticada por Lydia de Alencastro Graça em razão de ter considerado “textos literários como confissões declaradas ou involuntárias” (WERNECK, 1996, p. 114). Segundo essa, quando “se quer fazer estudo de temperamento de um homem de letras, deve-se tomar como fonte documental a

¹ A coletânea *Machado de Assis* (1935) foi relançada pelas editoras São José (1952) e Simões (1958). Junto com o ensaio “Machado de Assis”, de *À sombra da estante* (1947) e uma série que abarca diversos trabalhos, intitulada “Presença de Machado de Assis” (1938-1958), esses textos compõem o volume *Machado de Assis* (MEYER, 2005).

correspondência e não sua obra literária. Ora, a correspondência de Machado de Assis ‘revela o mais frio dos literatos’” (WERNECK, loc. cit.). Além disso, uma “face mórbida”, já antes revelada pelo livro de Luiz Ribeiro do Valle (1918), se associaria ao estudo de Peregrino Jr. (1938) que perscrutava “os desvãos clínicos ainda obscuros da vida e da obra de Machado” (PEREIRA, 1959, p. 258). Em ambos os casos, as análises da ficção literária conjugam-se à dissecação do caráter de um homem doentio.

Apreciações à ficção de Machado ganhariam novos ânimos por ocasião dos 100 anos de seu nascimento (1939) e dos 50 de sua morte (1958). No primeiro momento, a nova forma de estudar sua obra não cortaria os laços com a perspectiva biográfica, como demonstram os textos de Meyer, Miguel-Pereira, e também de Mário Mattos (1939). Norteados principalmente por fatores de cunho psicológico, os críticos tinham por fim “estabelecer uma corrente recíproca de compreensão entre a vida e a obra, focalizando-as de acordo com as disciplinas em moda, sobretudo a psicanálise, a somatologia, a neurologia” (MELLO E SOUZA, 1970, p. 20).

Durante as celebrações do centenário do romancista, Moysés Vellinho aponta um dos problemas da história literária brasileira: “surpreender, nas páginas de Machado de Assis, os liames aparentemente invisíveis que fundem na mesma expressão de desconforto a obra e o autor. Há, de certo, um vínculo substancial entre a ficção machadiana e a natureza psíquica de seu criador” (VELLINHO, 1960, p. 17). No editorial do número da *Revista do Brasil* comemorativo à efeméride, Octávio Tarquínio de Souza concede “ao artista uma função participante, de homem de ação, que se realiza através de sua obra, recuperando-lhe um caráter político até então negado, ou abafado, inclusive pelos estudos biográficos que enfatizaram, baseados em diagnósticos psiquiátricos, a timidez e o absenteísmo do escritor” (WERNECK, 1998, p. 71).

“Os anos 1950 redefinem a recepção da literatura machadiana. À frente da mudança de rumo está Augusto Meyer, condenando veementemente a crítica biográfica e conclamando os devotos de Machado de Assis a aderirem a um programa de produção crítica sobre a obra, compreendendo edição crítica, estudo estilístico, revisão bibliográfica e crítica” (WERNECK, 1999, p. 78). Meyer lidera um dos eixos interpretativos à produção machadiana – da leitura cognitiva, existencial ou expressiva (Cf. BOSI, 2006, p. 27-33; BOSI, 2009, p. 17-18) – compartilhado precursoramente com Barreto Filho, Alcides Maya e José Veríssimo. O comentário desse crítico ao romance *Quincas Borba* procurava “na obra de Machado pulsações filosóficas e existenciais, válidas não só no Brasil, mas em todos os quadrantes” (GUIMARÃES, 2004).

Por sua vez, na segunda edição do ensaio “Machado de Assis”, incluído em *À sombra da estante* (1947), afirma o crítico sul-rio-grandense: “o escritor não pode escolher livremente e, por outro lado, quando escreve, deixa as virtudes quotidianas no tinteiro. No ato de escrever, ele já não é homem, produto moral e social de todos os dias, mas uma libertação e às vezes uma superação de si mesmo. Em parte, uma errata de si mesmo” (MEYER, 2005, p. 72). Entre as décadas de 1930 e 50, seus capítulos duma futura *Biografia póstuma de Machado de Assis*² observam que a construção oficialista do intelectual fluminense provocou certo desvio à dimensão psicológica, característica de seu trabalho ficcional, negando o pessimismo do autor ou reduzindo-o a um “ceticismo benévolo”. Inclusive o trabalho de Alcides Maya sofre reparos “devido ao abrandamento da visão amarga do escritor, transformando-o num ‘forte bom, vencido mas sobranceiro à derrota’” (WERNECK, 1996, p. 152).

Em um desses ensaios, “De Machadinho a Brás Cubas”, além de sublinhar as *Memórias póstumas* como ponto-chave na obra machadiana, Meyer destaca as relações entre a experiência do

² Os textos que comporiam a *Biografia póstuma*, mas acabaram integrando uma coletânea de estudos diversos - *Presença de Machado de Assis* (1938-1958) - são: “Machado de Assis” (1947); “Os galos vão cantar”; “O enterro de Machado de Assis”; “Anekdota machadiana”; “Uma cara estranha” ou “De Machadinho a Brás Cubas”; “Trecho de um posfácio”; “O autor e o homem”.

artista e a experiência do homem, buscando a preservação de seus distintos espaços. Em outro ensaio, “O autor e o homem”, distingue a instância autoral, como figura manifesta em seus textos, do escritor, enquanto posição de sujeito: “Conhecer plenamente a vida do homem, para bem interpretar a obra, ainda não é tudo, e depois da biografia propriamente dita, começa a biografia do autor, isto é, do Eu ideal projetado em segunda vida no tempo, a envolver na fantasia dos leitores, na síntese crítica, nos estudos de texto, na história literária em geral” (MEYER, 2005, p. 144).

O ensaísta contesta Raimundo Magalhães Júnior que, antes de se firmar como biógrafo de Machado, questionara a afirmação de Mário Mattos: “as personagens explicam o autor”, leia-se, o escritor. Visando defendê-la, Meyer reclama o afastamento da biografia do sujeito, em favor de uma interpretação centrada no estudo de sua obra, ressaltando que a qualidade da fantasia, impressa nos textos machadianos, nutriu-se igualmente dos aspectos mais sombrios da existência. Todavia, o crítico realça o conceito de “dissociação literária”, ausência de “identidade entre homem (indivíduo concreto e real na sua vida de relação) e autor, isto é, o escritor no ato de criar um mundo imaginário, seja como potencialidade ou realização” (CARVALHAL, 1976, p. 32).

Na seguinte década, disposto a rever algumas imagens falsas, veiculadas por trabalhos que desconheciam grande parte dos escritos de Machado, Raimundo Magalhães Júnior (1955)³ publica sua esperada biografia. Contudo, não foge à verificação das contradições escritor-autor, notada na seguinte citação: “Se as condições ambientes não lhe ensejaram a ascensão, como a tantos outros, e achou mais prudente retrair-se, isolar-se, obedecendo ao instinto de defesa e ao desejo de segurança, sua obra no-lo apresenta não como alguém que detestasse ou desprezasse a política, como atividade menos digna ou malsã, mas como um aspirante frustrado à vida pública” (MAGALHÃES JR., 1981, p. 100).

No prosseguimento de sua pesquisa, cujos novos resultados são trazidos a público em 1958, o biógrafo modera no tom, mas não deixa de atacar biógrafos antecessores, segundo ele, responsáveis pela difusão de imagens negativas do ficcionista. “Os nomes, os grupos, as redes de intimidade e confiança são reconstituídas para limpar a imagem do homem de coração seco ou do homem que, segundo João do Rio, preferia ter raríssimos amigos no desejo da harmonia geral, que o mestre imaginava poder ser conquistada pela anulação parcial das vontades ambientes” (WERNECK, 1998, p. 80). Em ambos os trabalhos, de 1955 e 1958, embora afirme perseguir o rigor documental, Magalhães Júnior utiliza trabalhos ficcionais de Machado, a fim de livrá-lo - com a nova imagem do autodidata, um tanto quanto similar à do artista em formação, construída por Lúcia Miguel Pereira - dos rótulos de absenteísta e indiferente à abolição da escravatura.

José Brito Broca (1957) também busca eximir o intelectual das acusações de omissão quanto aos temas da raça e da escravidão, mas para tanto, se ampara em seus textos ficcionais. Do mesmo modo, Wilton Cardoso (1958) publica análises que, devendo enfocar *Tempo e memória em Machado de Assis*, não se furtam de procurar rastros pessoais em sua obra. O estudo de Agrippino Grieco (1959) - repleto de informes acerca da vida do escritor carioca - rende-lhe enxovalhos, dos quais se defende no intróito ao livro posterior: “Não sei converter num elemento burguês, num valor oficial, num medalhão, o espírito mais livre, mais voltairiano que nosso país já produziu, incapaz de venerar a religião, o patriotismo, a família, o exército, o parlamento e o resto, sem excluir o próprio Cristo” (GRIECO, 1969, p. 5-6).

Nem tão somente nesses casos, os aspectos críticos a considerar na ficção do autor andam lado a lado com as informações de ordem biográfica acerca do sujeito histórico. Isso pode ser visto tanto nas biobibliografias⁴ machadianas quanto nas biografias de Machado, produzidas nos anos 1930 e posteriores – desde José Maria Bello (1952), Gondim da Fonseca (1960), Miécio Tati (1961)

³ Uma edição de 1981 reúne as duas obras de Magalhães Jr. sob o título *Vida e obra de Machado de Assis*.

⁴ Tal é o protótipo de José Galante de Sousa (1955, 1958). Ubiratan Machado (2005) atualiza seu trabalho, recuperando fontes posteriores às indicadas em tais publicações.

e Luiz Vianna Filho (1965) a Jean-Michel Massa (1971) e Raimundo Magalhães Júnior (1981). Desses dois últimos pesquisadores, tanto as biografias quanto os trabalhos de identificação e compilação de textos dispersos (assinados por Machado de Assis ou sob pseudônimos) auxiliam a estabelecer ou a reforçar sua autoria no panorama literário brasileiro.

As décadas de 1960 e 1970 assistem à consagração de outra vertente de abordagem à obra machadiana – leitura mimética, representativa ou sociológica (Cf. BOSI, 2006, p. 37-49; BOSI, 2009, p. 17-32). No entanto, em texto integrante da primeira edição de sua *História da literatura brasileira*, Nelson Werneck Sodré (1938) já parecia refinar as conclusões de Lúcia Miguel-Pereira (1936) e também confirmar o *insight* de Arariper Júnior (1893), revelado por sua análise a *Quincas Borba*. Sodré advertia que a ficção de Machado não carrega traços “daquele real que se detém à superfície e que nela se esmera, mas do outro, que se aprofunda, que possui outra dimensão e que, por isso mesmo, ganha em relevo e surge inteiro aos olhos do leitor” (p. 501).

Astrojildo Pereira reitera tal visão ao mostrar “aquilo que está bem à mostra, mas que tanta gente insistia em não ver: de como nos romances e contos do autor do *Dom Casmurro* encontramos o espírito vivo de um longo período da civilização brasileira” (BRITO BROCA, 1957, p. 12-13). O autor de *Machado de Assis, romancista do Segundo Império* (PEREIRA, 1944) chama atenção para a fidelidade com que o escritor fluminense evoca “os modos de vida dos bacharéis e barões, das sinhás e sinhazinhas, dos agregados e dos escravos. É um espaço comunitário fundado nas relações de força, onde a separação das classes só é atenuada por poucos cimentos culturais e raras válvulas políticas” (MERQUIOR, 1977, p. 170).

Conclusão

A partir de finais dos anos 1960, análises do romance machadiano pela via mimética, representativa ou sociológica vão-se encorpar com os trabalhos de: Otto Maria Carpeaux (1964), Raymundo Faoro (1974); Roberto Schwarz (1977, 1987); Alfredo Bosi, José Carlos Garbuglio, Mario Curvello e Valentim Facioli (1982); John Gledson (1984, 1986); Leonardo Afonso de Miranda Pereira e Sidney Chalhoub (1988). No mesmo intervalo, traduções de estudos do pensador russo Mikhail Bakhtin difundem-se a partir da Europa, impactando os estudos literários e, assim, as leituras do trabalho ficcional de Machado. Uma nova vertente, “construtiva ou formal” (Cf. BOSI, 2009, p. 17-32), vai consistir na “abordagem intertextual explorada pelas análises do discurso narrativo que ocuparam a cena universitária no imediato pós-estruturalismo” (BOSI, 2006, p. 22).

O trabalho biográfico, crítico e histórico de Agrippino Grieco (1959) já destaca, em meio a exaustivos dados acerca do escritor fluminense, as referências literárias européias que povoam sua obra. A atenção detida no sistema referencial, de certa maneira, une Grieco a Eugênio Gomes (1939, 1949, 1953, 1958, 1967). Numa série de textos, esse crítico contribui para com novos estudos das narrativas ficcionais machadianas. Embora impregnado da perspectiva de fontes e influências, que havia marcado a história literária e a literatura comparada oitocentistas, Gomes sinaliza à abordagem construtiva ou formal.

Importante reorientação da crítica ocorre desde o estudo de Helen Caldwell (1960) sobre *Dom Casmurro*. A partir dele, despontam trabalhos inseridos nessa leitura de cunho intertextual, da autoria de José Guilherme Merquior (1977, 1989); Silviano Santiago (1978, 1982) e Enylton José de Sá Rego (1983). Nem o reforço da textualidade, entretanto, com a semiótica, o estruturalismo francês, a semiologia e o pós-estruturalismo, impedem que considerável segmento de estudiosos se repita no ato contínuo de não distinguir o sujeito histórico da instância autoral e/ou dos elementos internos de suas obras literárias. Isso ocorre, por exemplo, na biografia parcial elaborada por Jean-Michel Massa (1971).

A partir dos anos 1990, o mercado editorial globalizado assiste ao “boom (auto)biográfico”. No contexto de revisão das perspectivas críticas em torno de Machado e sua literatura, conforma-se uma quarta dimensão de abordagem, transitiva ou relacional, tendo “a ver com a crítica ou a recepção de uma obra junto ao leitor” (BOSI, 2009, p. 18). Essa vertente soma-se à via construtiva ou formal, oferecendo base para situarmos a presença e a recepção de gêneros (auto)biográficos, bem como de autores e textos que deles se utilizam, nos romances do escritor. Nas obras literárias do intelectual fluminense, gêneros (auto)biográficos mais conhecidos enquanto tais marcam presença nada gratuita, seja como procedimento dialógico e/ou interdiscursivo, seja como pilar estruturante. É sob tais balizas que reconsideramos a noção de “pseudo-autobiografia” observada por Augusto Meyer (1965, p. 47).

O crítico sul-rio-grandense afasta-se do restritivo ângulo biográfico que havia pesado sobre a crítica literária e a história da literatura no Oitocentos brasileiro. Latente nas análises existenciais de Meyer e seus precursores, certa capacidade para redimensionar o papel da biografia na obra de Machado extravia-se diante das abordagens sociológicas que ganham terreno entre 1960-90. Eximindo-as da projeção autobiográfica do ficcionista em algumas de suas personagens, as “vibrações existenciais e filosóficas” notadas por José Veríssimo (1892) e a dissimulação contida na idéia de “autofotografia” expressa por Alcides Maya (2007, p. 37) não impedem, muito antes pelo contrário, que nos acerquemos à proposta de situar a estilização do vasto espaço biográfico, a interdiscursividade com ele firmada e sua recorrência nas estruturas narrativas, entre os ingredientes acrescentados pelo Bruxo do Cosme Velho a um caldeirão que ainda ferve sobre os fogos cruzados da recepção crítica.

Referências

- ALENCAR, Mário de. *Alguns escritos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.
- ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. Idéias e sandices do ignaro Rubião. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 5 fev. 1893.
- BARRETO FILHO, José. Introdução a Machado de Assis. In: COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (Orgs). *A literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 2002. 6 v. v. 4. p. 151-173. (Ensaio publicado originalmente em 1947).
- BELLO, José Maria. *Retrato de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: A Noite, 1952.
- BOSI, Alfredo. *Brás Cubas em três versões: estudos machadianos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BOSI, Alfredo. Machado de Assis na encruzilhada dos caminhos da crítica. *Machado de Assis em Linha*, Rio de Janeiro; São Paulo, n. 4, p. 17-32, jul-dez. 2009. Disponível em: <<http://machadodeassis.net/download/numero04/num04artigo02.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2010.
- BOSI, Alfredo; GARBUGLIO, José Carlos; CURVELLO, Mario; FACIOLI, Valentim. *Machado de Assis*. São Paulo, Ática, 1982. Coleção Escritores Brasileiros: Antologia & Estudos.
- BRITO BROCA, José. *Machado de Assis e a política e outros estudos*. Rio de Janeiro: Simões, 1957.
- CALDWELL, Hellen. *O Otelô Brasileiro de Machado de Assis*. Trad. Fábio Fonseca de Melo. São Paulo: Ateliê, 2002. (1ª ed. 1961).
- CARDOSO, Wilton. *Tempo e memória em Machado de Assis*. Belo Horizonte: [s.l.], 1958.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *O crítico à sombra da estante*. Porto Alegre: Globo, 1976.
- FAORO, Raymundo. *A pirâmide e o trapézio*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1974.
- GLEDSOON, John. *Machado de Assis: impostura e realismo. Uma reinterpretção de Dom Casmurro*. Trad. por Fernando Py. São Paulo: Companhia das Letras, São Paulo, 1991. Título original: *The Deceptive Realism of Machado de Assis: A Dissenting Interpretation of Dom Casmurro*. Liverpool: Francis Cairns, 1984.

- GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- GOMES, Eugênio. *Espelho contra espelho*. São Paulo: Ipê, 1949.
- GOMES, Eugênio. *O enigma de Capitu*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
- GOMES, Eugênio. *Influências inglesas em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: São José, 1939.
- GOMES, Eugênio. *Machado de Assis: visões e revisões*. Rio de Janeiro: São José, 1958.
- GOMES, Eugênio. *Prata da casa: ensaios de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: A Noite, 1953.
- GONDIM DA FONSECA, Manuel José. *Machado de Assis e o hipopótamo: uma revolução biográfica*. São Paulo: Fulgor, 1961.
- GRAÇA ARANHA, José Pereira da. *Machado de Assis e Joaquim Nabuco: comentários e notas à correspondência*. 2.ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1942. Primeira edição em 1923.
- GRIECO, Agrippino. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.
- GUANABARA, Alcindo. Discurso. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, 01 out. 1908
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Romero, Araripe, Veríssimo e a recepção crítica do romance machadiano. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 51, São Paulo, may/aug. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000200019>. Acesso em: 12 jul. 2008.
- MACHADO, Ubiratan. *Bibliografia machadiana*. São Paulo: EDUSP, 2005.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Machado de Assis desconhecido*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Ao redor de Machado de Assis: pesquisas e interpretações*. Rio de Janeiro: CNB; Ilustrada, 1958.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 4 v. v. 1.
- MARTINS, Wilson. A crítica modernista. In: COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (Orgs.). *A literatura no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Global, 2004. p. 591-634. 6v. v. 5.
- MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis: ensaio de biografia intelectual*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- MATTOS, Mário. *Machado de Assis. O homem e a obra. Os personagens explicam o autor*. São Paulo: Nacional, 1939.
- MAYA, Alcides. *Machado de Assis: algumas notas sobre o humour*. 3. ed. rev. Santa Maria, RS: Movimento, 2007. Obra lançada originalmente no ano de 1912.
- MELLO E SOUZA, Antonio Cândido de. Esquema de Machado de Assis. In: MELLO E SOUZA, A. C. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970. p. 17-37.
- MERQUIOR, José Guilherme. Machado de Assis e a prosa impressionista. In: MERQUIOR, MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. p. 154-187.
- MERQUIOR, José Guilherme. *Machado em perspectiva*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1989.
- MEYER, Augusto. *A forma secreta*. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.
- MEYER, Augusto. *Machado de Assis*. Porto Alegre: Globo, 1935.
- MEYER, Augusto. Machado de Assis. In: Meyer, A. *Machado de Assis*. Porto Alegre: IEL; Corag, 2005. p. 61-84. (Coleção Meridionais).
- MEYER, Augusto. *À sombra da estante*. Porto Alegre: Globo, 1947.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. São Paulo: Nacional, 1936.
- PEREGRINO JR., João. *Doença e constituição de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1938.
- PEREIRA, Astrojildo. *Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos*. Rio de Janeiro: São José, 1959. Ensaio antes publicado na *Revista do Brasil*, n. 12, jan. 1939.
- PEREIRA, Astrojildo. *Machado de Assis, romancista do Segundo Império*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1944.
- PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda; CHALHOUB, Sidney (Orgs.). *A história contada: capítulos de história social na literatura do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis*. São Paulo: Tip Brasil, 1917.
- REGO, Enylton José de Sá. *O calundu e a panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- RIBEIRO DO VALLE, Luiz. *Psicologia mórbida na obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Typ. Lith. Pimenta de Mello & Cia, 1918.

- SANTIAGO, Silviano. A retórica da verossimilhança. In: SILVIANO, S. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 27-46. Primeira ed. 1978.
- SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SARAIVA, Juracy Ignez Assmann. *O circuito das memórias em Machado de Assis*. São Paulo: EDUSP, 1993. Livro relançado em 2009, sob o título abreviado *O circuito das memórias*.
- SCHWARZ, Roberto. *Que horas são? Ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- SOUSA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: INL, 1955.
- SOUSA, José Galante de. *Fontes para o estudo de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: INL, 1958.
- TATI, Miécio. *O mundo de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado da Educação e Cultura, 1959.
- VELLINHO, Moysés. Um brasileiro contra a paisagem. In: VELLINHO, M. *Machado de Assis: histórias mal contadas e outros assuntos*. Rio de Janeiro: São José, 1960. p. 12-34.
- VERÍSSIMO, José. Um novo livro do Sr. Machado de Assis. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 1-2, 11 jan. 1892.
- VIANNA FILHO, Luiz. *A vida de Machado de Assis*. São Paulo: Martins Fontes, 1965.
- WERNECK, Maria Helena. Biografias de Machado de Assis: admiração e história literária. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 71-80, nov. 1998.
- WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.
- ZILBERMAN, Regina. Machado de Assis conforme Augusto Meyer. In: MEYER, Augusto. *Machado de Assis*. Porto Alegre: IEL; Corag, 2005. p. 5-10. (Coleção Meridionais).

iAndré Luis MITIDIERI, Prof. Dr.
Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)
Departamento de Letras e Artes
E-mail: miti19@hotmail.com